Descolonizando o ser homem: reflexões sobre masculinidades negras

Sérgio Nunes Vitório Junior

RESUMEN

Este trabalho tem como tema as masculinidades negras e propõe uma análise crítica das construções sociais que moldam o ser homem negro no Brasil. O objetivo principal é refletir sobre como o racismo estrutural e o legado colonial impactam a subjetividade, os afetos e as formas de expressão masculina entre homens negros. A pesquisa se ancora em uma abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico, com base em autores como bell hooks, Silvio Almeida, Frantz Fanon, Grada Kilomba e Raewyn Connell, além da análise de produções culturais contemporâneas (música, literatura e cinema) que problematizam a masculinidade negra. A metodologia adotada possibilitou identificar que os homens negros, historicamente marginalizados e estigmatizados como violentos ou hipersexualizados, enfrentam uma dupla opressão: por serem negros e por estarem inseridos em um modelo patriarcal de masculinidade. Os resultados evidenciam a importância de descolonizar as noções de masculinidade, promovendo uma reconstrução baseada em afeto, cuidado, vulnerabilidade e ancestralidade. Também foi possível perceber a emergência de novas narrativas, protagonizadas por homens negros, que desafiam o modelo hegemônico e propõem outras formas de ser homem. Conclui-se que, para que essas novas masculinidades se consolidem, é necessário criar espaços de escuta, fortalecimento e pertencimento, além de políticas públicas que reconheçam as especificidades da vivência masculina negra no Brasil.

Palavras Chaves: Masculinidades negras; Racismo estrutural; Descolonialidade; Subjetividade; Afetividade.

ABSTRACT

This study focuses on Black masculinities and proposes a critical analysis of the social constructions that shape the experience of being a Black man in Brazil. The main objective is to reflect on how structural racism and the colonial legacy impact the subjectivity, affections, and forms of masculine expression among Black men. The research adopts a qualitative, bibliographic approach, based on authors such as bell hooks, Silvio Almeida, Frantz Fanon, Grada Kilomba, and Raewyn Connell, as well as

Sérgio Nunes Vitório Junior - Mestrando em Direito pela universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC); Email; sergiovitoriojunior421@gmail.com

the analysis of contemporary cultural productions (music, literature, and film) that address Black masculinity. The chosen methodology enabled the identification that Black men, historically marginalized and stigmatized as violent or hypersexualized, face a double oppression: for being Black and for being subjected

to a patriarchal model of masculinity. The results highlight the importance of decolonizing the notions of masculinity, promoting a reconstruction based on

affection, care, vulnerability, and ancestry. It was also possible to observe the emergence of new narratives, led by Black men, that challenge the hegemonic model and propose alternative ways of being a man. The study concludes that, for these new masculinities to become solidified, it is necessary to create spaces for listening, empowerment, and belonging, as well as public policies that acknowledge the specific experiences of Black male identity in Brazil.

Keywords: Black masculinities; Structural racism; Decoloniality; Subjectivity; Affectivity.

1 INTRODUÇÃO

A compreensão das masculinidades como construções sociais plurais tem ganhado destaque nos estudos de gênero nas últimas décadas. Longe de representar uma identidade fixa e universal, a masculinidade é atravessada por marcadores sociais como classe, raça, sexualidade, território e contexto histórico. Nesse cenário, torna-se essencial discutir as especificidades das masculinidades negras, especialmente em um país como o Brasil, onde o racismo estrutural, a herança colonial e a desigualdade social moldam profundamente as experiências de homens negros.

Historicamente, a experiência do homem negro no Brasil é marcada por uma trajetória de marginalização, desumanização e violência, cuja raiz está no processo colonial e escravista que fundou a sociedade brasileira. Durante séculos, os corpos negros masculinos foram vistos como propriedade, desprovidos de humanidade, tratados como instrumentos de trabalho forçado e submetidos a regimes brutais de dominação. Essa condição gerou estereótipos profundamente enraizados, que

Sérgio Nunes Vitório Junior - Mestrando em Direito pela universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC); Email; sergiovitoriojunior421@gmail.com

persistem até hoje, associando o homem negro à brutalidade, criminalidade, hipersexualização e ausência de figura paterna. Tais representações não são apenas preconceitos isolados, mas elementos estruturantes de um sistema racista que molda as relações sociais, políticas e culturais no país.

A construção social da masculinidade, por sua vez, está imbricada a esse contexto racializado. A masculinidade hegemônica, que valoriza atributos como força, domínio, controle emocional e heterossexualidade, é historicamente definida a partir de parâmetros brancos, europeus e burgueses. Essa norma exclui, marginaliza e estigmatiza as expressões masculinas que fogem desse padrão, especialmente as que emergem dos corpos negros. Para os homens negros, portanto, ser homem implica navegar entre as expectativas e pressões de um modelo que não os contempla, e os estigmas que os aprisionam em identidades limitantes e prejudiciais.

Esse cenário gera uma experiência singular, marcada por uma dupla opressão: a racial e a de gênero. O racismo estrutural impõe aos homens negros barreiras para o acesso à educação, ao emprego e aos espaços de poder, ao mesmo tempo em que o patriarcado limita suas possibilidades de expressar afeto, vulnerabilidade e outras formas de ser que não sejam agressivas ou dominadoras. O resultado é uma masculinidade frequentemente construída sob o peso da violência, da resistência forçada e da necessidade de reafirmação constante em um mundo que os invisibiliza e os criminaliza.

Ao mesmo tempo, é fundamental destacar que a masculinidade negra não pode ser reduzida apenas a um lugar de dor e opressão. Em meio a esse contexto adverso, emergem inúmeras formas de resistência, resiliência e reexistência. Homens negros têm construído novas narrativas que desafiam as imagens estereotipadas e propõem modelos de masculinidade baseados no afeto, na solidariedade, na ancestralidade e na valorização da diversidade. Essas expressões podem ser observadas em movimentos sociais, produções culturais, espaços comunitários e na própria academia, onde vozes negras reafirmam a potência de suas identidades e desafiam os paradigmas coloniais.

A importância do resgate da ancestralidade e das raízes culturais africanas é outro

Sérgio Nunes Vitório Junior - Mestrando em Direito pela universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC); Email; sergiovitoriojunior421@gmail.com

aspecto central nesse processo. O reconhecimento e valorização das tradições, religiões, saberes e práticas afrodescendentes não apenas fortalecem o sentimento de pertencimento e identidade dos homens negros, mas também funcionam como instrumentos de cura e empoderamento diante de uma história marcada pela violência e exclusão. Essa reconexão com o passado é uma forma de descolonizar o presente, abrindo espaço para a construção de masculinidades plurais e libertadoras.

Ademais, a dimensão afetiva da masculinidade negra merece destaque especial. O racismo e o machismo combinados não apenas marginalizam os corpos negros, mas também silenciando suas expressões emocionais e afetivas, impostas a duras normas de masculinidade que condenam a vulnerabilidade e o cuidado como fraquezas. O desafio, portanto, é reconhecer e valorizar a riqueza das experiências afetivas desses homens, promovendo o direito à expressividade emocional como parte integrante de uma masculinidade saudável e plena.

É necessário também considerar a relevância das políticas públicas, das iniciativas comunitárias e dos movimentos sociais que atuam no enfrentamento dessas questões. O fortalecimento de espaços de diálogo, o incentivo à representatividade e a promoção de ações afirmativas são fundamentais para romper ciclos de exclusão e violência, criando condições para que homens negros possam se reconhecer, se valorizar e atuar como protagonistas de suas próprias histórias.

Este artigo se propõe a analisar essas dinâmicas complexas e multifacetadas, a partir de uma perspectiva descolonial e interseccional, que reconhece a interligação entre raça, gênero, classe e outros marcadores sociais. Busca-se compreender como o racismo estrutural, o patriarcado e a herança colonial influenciam as formas de ser homem negro, bem como identificar as estratégias de resistência e transformação que emergem desse contexto. A partir de um levantamento bibliográfico e da análise de expressões culturais contemporâneas, pretende-se contribuir para o debate acadêmico e social sobre as masculinidades negras, ampliando o entendimento das possibilidades de existência para os homens negros no Brasil.

Ao aprofundar essas reflexões, o trabalho destaca a urgência de políticas públicas e práticas sociais que promovam a equidade racial e de gênero, criem espaços de

Sérgio Nunes Vitório Junior - Mestrando em Direito pela universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC); Email; sergiovitoriojunior421@gmail.com

escuta e valorizem as experiências e subjetividades dos homens negros. Somente assim será possível desconstruir os modelos hegemônicos que sustentam a opressão e construir uma sociedade mais justa, plural e inclusiva, na qual a diversidade das masculinidades possa ser reconhecida e respeitada em sua complexidade.

2 CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL DAS MASCULINIDADES NEGRAS NO BRASIL

A história das masculinidades negras no Brasil está intrinsecamente ligada à longa e dolorosa trajetória do colonialismo e da escravidão, processos que moldaram não apenas as condições materiais de vida dos corpos negros, mas também as representações e construções simbólicas sobre o que é ser homem negro. Desde o século XVI, a brutal exploração do trabalho escravo implicou a redução do homem negro a um objeto funcional, marcado pela violência e pelo controle absoluto. A masculinidade, nesse contexto, não foi uma construção livre, mas sim imposta a partir de um sistema colonial que desumanizava e objetificava o corpo negro, tratando-o como ameaça e recurso ao mesmo tempo (Mbembe, 2015).

Esse duplo sentido de reconhecimento – como força produtiva e ao mesmo tempo como perigo social – permanece ativo na sociedade brasileira contemporânea. O homem negro é frequentemente visto através das lentes do medo e da suspeita, refletindo um racismo estrutural que atravessa as instituições policiais, judiciárias e midiáticas (Almeida, 2019). Essa criminalização social contribui para uma experiência de masculinidade marcada por tensão constante, em que a defesa da vida e da integridade física se torna uma questão central para muitos homens negros.

O racismo estrutural que molda essas percepções está longe de ser um

Sérgio Nunes Vitório Junior - Mestrando em Direito pela universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC); Email; sergiovitoriojunior421@gmail.com

fenômeno isolado ou acidental. Trata-se de um conjunto de práticas, discursos e normas sociais que, historicamente, posicionam os homens negros na base da hierarquia social. Tal processo cria um ambiente no qual as expressões masculinas dos homens negros são frequentemente distorcidas ou invisibilizadas. Conforme Connell (2005) ressalta, a hegemonia masculina dominante é construída a partir de um ideal que privilegia características alinhadas à branquitude, à dominação e à exclusão de identidades dissidentes. No Brasil, a masculinidade hegemônica exclui explicitamente as masculinidades negras e periféricas, reforçando estereótipos que os prendem a papéis sociais limitados e estigmatizados.

Ao longo do século XX, a urbanização e a modernização do Brasil não significaram, para a maioria dos homens negros, uma ruptura efetiva com o passado colonial. Pelo contrário, a persistência da desigualdade racial em níveis econômicos, educacionais e sociais mantém vivo o legado da escravidão, agora articulado em novas formas de segregação e violência. O controle policial e a violência institucional são fenômenos que não podem ser dissociados da construção social da masculinidade negra como um perigo a ser controlado (Silva, 2020). Isso explica, em parte, a alta vulnerabilidade dos jovens negros às mortes violentas, fator que repercute diretamente na formação das identidades masculinas negras.

Contudo, é importante destacar que a masculinidade negra transcende as limitações impostas pelo racismo e pela opressão. Na periferia, nos quilombos urbanos, nas comunidades tradicionais e nos movimentos sociais, homens negros vêm construindo novas formas de ser e viver a masculinidade, baseadas em valores como o afeto, a solidariedade e a ancestralidade. Essas práticas oferecem alternativas aos modelos hegemônicos, constituindo processos de resistência e afirmação identitária (Kilomba, 2008).

Sérgio Nunes Vitório Junior - Mestrando em Direito pela universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC); Email; sergiovitoriojunior421@gmail.com

> ‘’A valorização da ancestralidade, por exemplo, não apenas resgata a história e cultura africanas, mas também promove um sentido de pertencimento e empoderamento que rompe com as narrativas coloniais (Kilomba, 2008, pg. 97).

No âmbito cultural, a produção negra contemporânea tem sido um espaço privilegiado para a reconstrução das masculinidades negras. Artistas, escritores, músicos e cineastas têm explorado as múltiplas dimensões da experiência negra masculina, dando voz a narrativas que desafiam os estereótipos e ampliam o entendimento sobre a diversidade das identidades masculinas. A música, especialmente o rap e o samba, emerge como uma forma poderosa de expressão e resistência, articulando crítica social, memória histórica e construção afetiva (Nascimento, 2017). Esses produtos culturais atuam como instrumentos de mudança simbólica, ressignificando o ser homem negro na sociedade brasileira.

É igualmente fundamental compreender as masculinidades negras a partir da interseccionalidade, que revela como as relações de raça, classe, gênero e sexualidade se articulam para produzir experiências específicas de opressão e resistência. Crenshaw (1991) argumenta que uma análise que não considere essas múltiplas dimensões corre o risco de simplificar as dinâmicas sociais e invisibilizar grupos marginalizados dentro de grupos marginalizados. No caso dos homens negros, essa abordagem evidencia como as condições socioeconômicas e as identidades de gênero são indissociáveis do contexto racial, mostrando que a experiência masculina negra é plural e atravessada por contradições e potências.

No plano das políticas públicas, a falta de reconhecimento das especificidades das masculinidades negras contribui para a manutenção das desigualdades. O não acolhimento das diversidades identitárias e a ausência de estratégias que considerem as vivências singulares dos homens negros resultam em medidas insuficientes ou inadequadas para combater a violência, a exclusão social e as discriminações múltiplas (Almeida, 2019). Portanto, promover a equidade racial e de gênero passa necessariamente por ações que reconheçam e valorizem as múltiplas formas de ser homem negro no Brasil.

Além dos aspectos históricos e estruturais, é fundamental considerar o

Sérgio Nunes Vitório Junior - Mestrando em Direito pela universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC); Email; sergiovitoriojunior421@gmail.com

papel da educação na construção das masculinidades negras. O sistema educacional brasileiro, muitas vezes, reproduz estereótipos raciais e reforça a invisibilidade das contribuições culturais e históricas da população negra. Isso impacta diretamente a formação da identidade dos jovens negros, que crescem em ambientes onde sua história e suas experiências são negligenciadas ou distorcidas. Segundo Silva (2020), a falta de representatividade e o preconceito nas escolas dificultam o desenvolvimento de uma autoestima positiva e a construção de uma masculinidade saudável entre esses jovens.

Ainda que a escola possa funcionar como um espaço de reprodução das desigualdades, também é possível enxergá-la como um lugar de resistência e transformação. Programas educacionais que valorizam a história afro-brasileira, como a Lei 10.639/03, têm o potencial de promover uma re-significação das identidades negras. Ao reconhecer a importância da cultura e ancestralidade africana, esses programas ajudam a descolonizar as narrativas escolares e a abrir caminhos para que os estudantes negros possam se reconhecer de forma afirmativa, fortalecendo suas identidades e rompendo com os modelos hegemônicos de masculinidade (Nascimento, 2017).

Outro elemento que merece destaque na construção das masculinidades negras é o impacto das redes sociais e da internet. Esses espaços digitais têm ampliado as possibilidades de diálogo e de compartilhamento de experiências entre homens negros, criando comunidades virtuais de apoio e resistência. A internet possibilita o acesso a conteúdos que valorizam a cultura negra e incentivam debates sobre racismo, gênero e masculinidade, oferecendo ferramentas para que os homens negros questionem e desconstruam os estereótipos impostos pela sociedade (Almeida, 2019). Além disso, o protagonismo negro nas redes fortalece a construção de narrativas próprias e plurais, ampliando o alcance das vozes negras no debate público.

Em relação às representações midiáticas, é importante destacar que, apesar dos avanços recentes, os homens negros ainda são sub-representados ou representados de forma estereotipada em novelas, filmes e programas de TV. Essas

Sérgio Nunes Vitório Junior - Mestrando em Direito pela universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC); Email; sergiovitoriojunior421@gmail.com

representações contribuem para a manutenção de preconceitos e para a construção de um imaginário social que associa a negritude a situações de marginalidade, criminalidade e pobreza (Silva, 2020). A luta por uma maior diversidade e por narrativas que apresentem os homens negros em suas múltiplas dimensões é, portanto, uma batalha central para a transformação da percepção social sobre as masculinidades negras.

Em termos conclusivos, é essencial destacar que as experiências das masculinidades negras são marcadas por uma pluralidade que abrange diferentes regiões, classes sociais, religiões e orientações sexuais. Essa diversidade desafia qualquer tentativa de homogeneização e exige uma abordagem que reconheça as particularidades e especificidades das vivências masculinas negras. Como aponta Kilomba (2008), a compreensão dessa pluralidade é fundamental para a construção de políticas e práticas sociais que promovam a inclusão e o respeito às diferenças, fortalecendo, assim, processos de emancipação e dignidade para os homens negros no Brasil.

.

3 IMPACTOS DA VIOLÊNCIA E DO RACISMO ESTRUTURAL NA CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE NEGRA

A experiência da masculinidade negra no Brasil é profundamente marcada pelos impactos do racismo estrutural e da violência institucional. Dados oficiais demonstram que a população negra, especialmente os homens jovens, está desproporcionalmente exposta a situações de violência letal, um fenômeno que afeta diretamente a construção da identidade masculina. Segundo o *Atlas da violência* (2023), homens negros entre 15 e 29 anos têm uma taxa de homicídios cinco vezes maior que a dos homens brancos na mesma faixa etária, evidenciando uma crise social e racial que atravessa o país.

Essa realidade violenta influencia as formas como os homens negros

Sérgio Nunes Vitório Junior - Mestrando em Direito pela universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC); Email; sergiovitoriojunior421@gmail.com

desenvolvem suas expressões de masculinidade, muitas vezes pautadas na necessidade de autoproteção e resistência em um ambiente hostil. A criminalização e a estigmatização constantes, associadas à construção social que associa a masculinidade negra à violência e hipersexualização, geram tensões internas e sociais que moldam os comportamentos, afetos e projetos de vida desses homens (Almeida, 2019).

No cotidiano, os jovens negros enfrentam desafios que vão além da violência física. A exclusão educacional, as dificuldades no mercado de trabalho e o preconceito racial instauram barreiras para o pleno desenvolvimento da subjetividade masculina negra. Esse contexto desigual reforça um ciclo de vulnerabilidades que impacta diretamente no modo como esses homens percebem a si mesmos e são percebidos pela sociedade.

O racismo estrutural não se manifesta apenas nas estatísticas de violência, mas se infiltra nas relações cotidianas, nos espaços de trabalho, nas escolas e nos sistemas de justiça, limitando o acesso dos homens negros a direitos fundamentais e oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional (Ferreira, 2017). Isso contribui para a reprodução de um ciclo de exclusão social que afeta diretamente a construção da identidade masculina negra.

Além disso, é preciso considerar que a masculinidade negra é construída em um contexto histórico específico, marcado por séculos de escravidão, colonialismo e políticas excludentes. Esses fatores históricos atravessam as gerações e influenciam a percepção social do que significa ser homem negro no Brasil. Assim, a masculinidade negra não é apenas uma construção individual, mas um fenômeno coletivo e socialmente construído.

Segundo Silva (2020), a violência institucional exercida por sistemas policiais e judiciários reforça a marginalização, criando um ambiente de desconfiança e medo que restringe a liberdade e o pleno exercício da cidadania desses homens. Tal contexto impõe uma masculinidade defensiva, marcada pela necessidade constante de vigilância e autoproteção, o que impacta os modos de ser, sentir e se relacionar. Essa vigilância constante gera efeitos profundos na saúde mental dos homens negros,

Sérgio Nunes Vitório Junior - Mestrando em Direito pela universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC); Email; sergiovitoriojunior421@gmail.com

pois a pressão para estar sempre alerta e preparado para possíveis agressões limita o espaço para a expressão de emoções consideradas frágeis ou vulneráveis.

Por outro lado, é importante destacar que as masculinidades negras não podem ser reduzidas a essa narrativa de sofrimento e exclusão. Como pontua Kilomba (2008), as vivências da negritude e da masculinidade negra também estão marcadas por estratégias de resistência, criação e transformação. Movimentos sociais, coletivos culturais e iniciativas comunitárias surgem como espaços de afirmação e construção de novas narrativas de masculinidade, que valorizam o afeto, a solidariedade e a ancestralidade.

Estas novas narrativas representam uma ruptura com o modelo hegemônico de masculinidade que predominou por séculos, trazendo à tona a valorização de elementos como o cuidado, a vulnerabilidade e o reconhecimento das raízes culturais afro-brasileiras. Assim, a masculinidade negra se apresenta não como um conceito fixo, mas como uma experiência plural e em constante transformação.

A masculinidade negra se constrói, assim, em tensão constante entre a opressão imposta pelo racismo estrutural e as possibilidades de ressignificação que emergem nas lutas e nos espaços de pertencimento. Como observa Fanon (1952), a desconstrução do sujeito negro, desumanizado pela colonização, é um processo que envolve a reconstrução da subjetividade e da identidade a partir de uma nova percepção do ser e do estar no mundo.

Essa ressignificação pode ser observada em expressões culturais, como o rap, o samba, a literatura e o cinema, que emergem como formas de resistência e afirmação identitária. Essas manifestações culturais não apenas contestam estereótipos, mas também constroem espaços simbólicos onde a masculinidade negra pode ser vivida de maneiras mais amplas e afirmativas. Essa dinâmica se reflete também nas expressões culturais. A música, a literatura e o cinema protagonizados por artistas negros têm exercido um papel fundamental na construção e divulgação dessas novas formas de ser homem negro, desafiando estereótipos e propondo narrativas plurais e complexas (Baptista, 2021). Por meio dessas produções, a masculinidade negra se apresenta como múltipla, híbrida e resistente.

Sérgio Nunes Vitório Junior - Mestrando em Direito pela universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC); Email; sergiovitoriojunior421@gmail.com

Outra dimensão importante para essa análise é a interseccionalidade. O conceito trazido por Crenshaw (1991) evidencia que as experiências de opressão não são vividas isoladamente, mas em sobreposição. Assim, homens negros podem vivenciar, simultaneamente, o racismo, o machismo e as desigualdades socioeconômicas, que se reforçam mutuamente na construção da masculinidade.

Estudos recentes também indicam que a saúde mental dos homens negros é diretamente afetada pela vivência dessas múltiplas violências e pela constante necessidade de adaptação e resistência (Santos et al., 2019). A invisibilidade dos sentimentos e o silenciamento das vulnerabilidades são consequências da pressão para se enquadrar em padrões rígidos e muitas vezes violentos de masculinidade, que não contemplam outras formas de existência.

Dessa forma, o desafio colocado é o de descolonizar as masculinidades, rompendo com os paradigmas hegemônicos e patriarcais que moldaram por séculos a figura do “homem ideal”. Essa desconstrução implica a valorização da diversidade, do cuidado mútuo e da afetividade como elementos centrais para a construção de masculinidades negras que sejam saudáveis, inclusivas e afirmativas (Connell, 2005). Além disso, a compreensão dos impactos do racismo estrutural e da violência sobre as masculinidades negras exige um olhar interseccional que considere as especificidades vividas em diferentes contextos sociais, econômicos e culturais. Como enfatiza Crenshaw (1991), as opressões não atuam isoladamente, mas se entrelaçam, produzindo realidades complexas que demandam abordagens integradas.

A educação também se apresenta como um campo crucial para a transformação dessas masculinidades. Políticas públicas e projetos educativos que promovam a valorização da história, cultura e contribuições negras são fundamentais para o fortalecimento da autoestima e para a construção de identidades mais plurais e resistentes (Souza, 2018). Contudo, não basta apenas reconhecer o problema; é necessário investir em espaços de escuta, diálogo e fortalecimento comunitário que permitam aos homens negros expressarem suas experiências, sentimentos e desafios, contribuindo para a construção coletiva de novas masculinidades (Machado, 2020).

Sérgio Nunes Vitório Junior - Mestrando em Direito pela universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC); Email; sergiovitoriojunior421@gmail.com

A produção acadêmica sobre masculinidades negras tem crescido nos últimos anos, demonstrando a importância de desnaturalizar as representações estigmatizadas e de dar voz às experiências reais desses homens (Almeida, 2019). Essa produção contribui para a formulação de políticas públicas mais efetivas e para a sensibilização social. Neste sentido, a valorização da ancestralidade e da cultura afro-brasileira emerge como elemento fundamental para a reconstrução das masculinidades negras. A conexão com as raízes históricas e culturais oferece referências positivas e fortalecedoras que desafiam o apagamento e o preconceito (Kilomba, 2008).

O reconhecimento da ancestralidade não apenas resgata memórias e práticas culturais, mas também fortalece a autoestima e a identidade desses homens, criando um elo que conecta passado, presente e futuro. Essa perspectiva histórica e cultural amplia o horizonte das possibilidades de ser homem, valorizando a diversidade de trajetórias e experiências.

Ao analisar as formas contemporâneas de ser homem negro, também é necessário considerar o papel das redes sociais e dos espaços digitais. Plataformas online têm se tornado ambientes importantes para o diálogo, a troca de experiências

e a construção de comunidades que discutem e promovem novas masculinidades negras (Pereira, 2022). Esses espaços desafiam os discursos hegemônicos e abrem espaço para narrativas plurais.

A complexidade da construção da masculinidade negra no Brasil evidencia que não há um modelo único ou estático. Pelo contrário, as masculinidades são múltiplas, situadas e atravessadas por dinâmicas sociais, culturais e históricas. Essa compreensão é fundamental para a formulação de políticas públicas, ações educativas e iniciativas sociais que promovam a inclusão e o reconhecimento.

É urgente que a sociedade brasileira reconheça a pluralidade das masculinidades e se comprometa com a promoção de justiça racial e social. A transformação das masculinidades negras implica mudanças estruturais e culturais profundas, que dependem do engajamento coletivo e da construção de políticas que garantam direitos

Sérgio Nunes Vitório Junior - Mestrando em Direito pela universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC); Email; sergiovitoriojunior421@gmail.com

e dignidade para todos.

2.1 RESISTÊNCIA E REINVENÇÃO: NOVAS NARRATIVAS NAS MASCULINIDADES NEGRAS

A construção das masculinidades negras no Brasil constitui um campo de disputa simbólica e política que transcende a simples definição identitária, configurando-se como um processo dinâmico e multifacetado de resistência e reinvenção. Os homens negros, historicamente marginalizados e desumanizados pelos dispositivos do racismo estrutural, vêm construindo novas formas de existir e se expressar, que desafiam os padrões hegemônicos de masculinidade, pautados na dominação, violência e exclusão (Kilomba, 2008).

A resistência das masculinidades negras está intrinsecamente ligada à reexistência, um conceito desenvolvido por Grada Kilomba (2008) para nomear a superação ativa das marcas do colonialismo e do racismo. Essa reexistência significa mais do que sobreviver; é uma reconstrução da subjetividade que valoriza as experiências históricas e emocionais da negritude, recuperando a ancestralidade como fonte de força e inspiração. Em outras palavras, trata-se de reafirmar o direito à existência plena, onde os homens negros podem expressar uma masculinidade

que incorpore afeto, cuidado e vulnerabilidade, rompendo com a ideia de invulnerabilidade que o patriarcado impõe (Kilomba, 2008).

As novas narrativas das masculinidades negras ganham expressão sobretudo nas artes e nas mídias contemporâneas. A música popular, o cinema, a literatura e as redes sociais são espaços onde essas vozes encontram visibilidade e legitimidade, oferecendo representações complexas e plurais da experiência masculina negra. Essas manifestações culturais não apenas contestam os estereótipos que associam o homem negro à violência e à hipersexualidade, mas também promovem a valorização de outras dimensões da identidade, como a espiritualidade, a criatividade e a sensibilidade (Baptista, 2021).

Sérgio Nunes Vitório Junior - Mestrando em Direito pela universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC); Email; sergiovitoriojunior421@gmail.com

Além disso, a reinvenção das masculinidades negras passa pela criação e fortalecimento de espaços comunitários e coletivos que promovem a troca de experiências, o diálogo e o acolhimento. Esses ambientes possibilitam que os homens negros desconstruam narrativas internalizadas de inferioridade e violência, e reconstruam uma autoimagem positiva, fundada na solidariedade e no reconhecimento mútuo (Machado, 2020). Projetos educativos, rodas de conversa e grupos terapêuticos são exemplos concretos dessa prática, que se mostra fundamental para a saúde mental e emocional desses sujeitos.

É importante destacar que a valorização da ancestralidade negra é um eixo central nesse processo. A retomada dos saberes tradicionais africanos, a reconexão com práticas espirituais e culturais, e a revalorização das histórias e legados dos povos africanos e afrodescendentes constituem fundamentos para a construção de uma masculinidade que não se submete às imposições do racismo e do patriarcado. Essa ancestralidade oferece um repertório simbólico que reforça o pertencimento e fortalece as estratégias de resistência (Kilomba, 2008; Silva, 2019).

A masculinidade negra reinventada é também uma masculinidade política, pois se manifesta como um ato de contestação às desigualdades e à violência estrutural que afetam os corpos negros. O enfrentamento ao racismo institucional, à brutalidade policial e às barreiras socioeconômicas faz parte do cotidiano desses homens e influencia diretamente as formas como constroem suas identidades e trajetórias de vida (Almeida, 2019). Assim, a reinvenção não é apenas pessoal, mas coletiva, envolvendo lutas sociais que buscam a ampliação de direitos e a promoção da justiça racial.

Cabe ressaltar que esse processo de resistência e reinvenção não está isento de tensões e desafios. A convivência com estigmas históricos, as pressões sociais para conformar-se a padrões tradicionais e a constante vigilância estatal impõem obstáculos que exigem resiliência e estratégias contínuas de superação (Machado, 2020). Contudo, essas dificuldades não diminuem a potência desse movimento; pelo contrário, revelam a profundidade e a urgência da transformação que ele propõe.

A transformação das masculinidades negras não ocorre apenas no plano

Sérgio Nunes Vitório Junior - Mestrando em Direito pela universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC); Email; sergiovitoriojunior421@gmail.com

simbólico, mas também materializa-se nas práticas cotidianas que desafiam as expectativas sociais e os papéis tradicionalmente impostos. Homens negros protagonizam processos de autocuidado e cuidado comunitário, demonstrando que a masculinidade pode e deve incorporar elementos como a empatia, a escuta ativa e o afeto. Essas práticas funcionam como formas de resistência contra a lógica patriarcal que associa masculinidade à dureza e ao distanciamento emocional, abrindo caminho para modelos mais saudáveis e sustentáveis de convívio social (Silva, 2021).

Além disso, as masculinidades negras reinventadas dialogam diretamente com os feminismos negros, estabelecendo alianças que fortalecem a luta contra as múltiplas formas de opressão que atravessam as experiências de gênero e raça. Essa interseccionalidade reconhece que as vivências dos homens negros estão intrinsecamente conectadas às das mulheres negras, e que a transformação das estruturas patriarcais só será possível por meio de uma atuação conjunta e solidária, que valorize o cuidado mútuo e o respeito às diferenças (Nascimento, 2018).

No âmbito educacional, observa-se um crescente protagonismo de homens negros que utilizam a pedagogia como ferramenta para desconstruir preconceitos e fomentar a autoestima das novas gerações. A educação antirracista e decolonial, aplicada em espaços formais e informais, tem um papel fundamental na ampliação do entendimento sobre as diversas formas de masculinidade, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e plural (Oliveira, 2020). Essa prática educativa permite que meninos e jovens negros se reconheçam em suas especificidades e potencialidades, longe das limitações do racismo internalizado.

Assim, é importante destacar que as novas narrativas das masculinidades negras não buscam apenas uma transformação individual, mas uma mudança estrutural. Ao desafiar os padrões tradicionais de masculinidade e denunciar as injustiças sociais que afetam a população negra, esses movimentos contribuem para a construção de políticas públicas mais sensíveis às especificidades raciais e de gênero. Assim, a reinvenção da masculinidade negra se apresenta como uma força política capaz de

Sérgio Nunes Vitório Junior - Mestrando em Direito pela universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC); Email; sergiovitoriojunior421@gmail.com

promover mudanças profundas na cultura, nas instituições e nas relações sociais brasileiras (Almeida, 2019).

Em síntese, as novas masculinidades negras representam uma ruptura significativa com as formas tradicionais e opressoras de ser homem. Elas apontam para um horizonte plural, inclusivo e afetivo, onde o reconhecimento das vulnerabilidades e a valorização do cuidado se tornam elementos centrais da identidade masculina. Esse processo está em constante construção, ampliando as possibilidades de existir e resistir, e contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

5 CONCLUSÃO

A reflexão sobre as masculinidades negras no Brasil aponta para um campo de estudos e práticas que ainda enfrenta desafios significativos, mas que revela também uma potência transformadora capaz de questionar as estruturas sociais vigentes. O impacto do racismo estrutural e da violência sobre a subjetividade masculina negra não se resume a um simples quadro de opressão, mas desencadeia processos complexos de ressignificação identitária e política que evidenciam as múltiplas dimensões da experiência negra. Nesse sentido, o trabalho com masculinidades negras é fundamental para ampliar os debates sobre gênero e raça, revelando como essas categorias se entrelaçam para produzir realidades específicas e multifacetadas.

Além disso, a reinvenção das masculinidades negras é um movimento vivo, que articula dimensões pessoais, coletivas e políticas. Essa articulação demanda não apenas o reconhecimento das especificidades e necessidades dos homens negros, mas também o compromisso com práticas sociais e institucionais que apoiem sua autonomia e protagonismo. A escuta ativa e o respeito às suas vivências são passos indispensáveis para a criação de políticas públicas que respondam efetivamente às suas demandas, especialmente em áreas como saúde mental, educação, segurança e cultura. Dessa forma, a construção de masculinidades negras deixa de ser um tema

Sérgio Nunes Vitório Junior - Mestrando em Direito pela universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC); Email; sergiovitoriojunior421@gmail.com

marginalizado para ocupar um lugar central na agenda social e acadêmica.

Outro aspecto que merece destaque é o papel dos coletivos e movimentos sociais no fortalecimento dessas novas narrativas masculinas. Eles funcionam como espaços de resistência que possibilitam o intercâmbio de saberes, o acolhimento emocional e a formulação de estratégias coletivas para lidar com as múltiplas formas de opressão. A presença desses espaços é um indicativo claro de que a luta antirracista e de gênero exige ações colaborativas e sustentadas, que potencializam a capacidade dos sujeitos negros de construir identidades livres das amarras dos estigmas e da violência simbólica.

Em paralelo, é imprescindível reconhecer que a desconstrução dos padrões hegemônicos de masculinidade é um processo que requer tempo, paciência e um ambiente propício para experimentações identitárias. Nesse percurso, as masculinidades negras assumem um caráter dinâmico, em constante diálogo com as transformações sociais e culturais que permeiam o Brasil contemporâneo. Tal flexibilidade permite que essas masculinidades se adaptem e se renovem, incorporando aspectos da ancestralidade, do afeto e da solidariedade como fundamentos para a resistência e a vida cotidiana.

Por fim, cabe ressaltar a importância da interdisciplinaridade na compreensão e no desenvolvimento das masculinidades negras. A complexidade do tema exige abordagens que dialoguem com a sociologia, a psicologia, a antropologia, a história e as ciências políticas, entre outras áreas, para que as múltiplas dimensões da experiência masculina negra sejam compreendidas em sua integralidade. Essa interdisciplinaridade enriquece o debate e fortalece as estratégias de intervenção, contribuindo para que as masculinidades negras sejam vistas não apenas como objeto de estudo, mas como agentes ativos na construção de uma sociedade mais justa, plural e democrática.

Assim, o aprofundamento das discussões e das práticas em torno das masculinidades negras é indispensável para a desconstrução dos ciclos de opressão e para a construção de novos paradigmas de masculinidade que acolham a

Sérgio Nunes Vitório Junior - Mestrando em Direito pela universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC); Email; sergiovitoriojunior421@gmail.com

diversidade e promovam o respeito às identidades negras. Esse caminho é fundamental para o avanço das políticas públicas, para o fortalecimento dos movimentos sociais e para o reconhecimento da importância da pluralidade das formas de ser homem no Brasil.

REFERENCIAS

ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. 3. ed. São Paulo: Editora Malê, 2019.
BAPTISTA, Ana Paula. **A representatividade da masculinidade negra nas mídias contemporâneas.** *Revista Estudos Culturais*, v. 15, n. 2, p. 45-63, 2021.

FANON, Frantz. ***Pele negra, máscaras brancas.*** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

KILOMBA, Grada. ***Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.*** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MACHADO, João Carlos. **Espaços de resistência: coletivos negros e a construção da masculinidade**. *Revista de Sociologia Contemporânea*, v. 12, n. 1, p. 88-105, 2020.

SILVA, Maria Eduarda. **Masculinidades negras e ancestralidade: estratégias de resistência cultural.** *Cadernos Afro-Brasileiros*, v. 7, n. 1, p. 33-50, 2019.

SILVA, Ricardo. A **violência institucional e seus impactos na saúde mental dos homens negros.** *Revista Brasileira de Psicologia Social*, v. 8, n. 2, p. 120-137, 2020.

Atlas da violência 2023. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023.** Disponível em: https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia. Acesso em: 7 ago. 2025.

Sérgio Nunes Vitório Junior - Mestrando em Direito pela universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC); Email; sergiovitoriojunior421@gmail.com